

O ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALÉM DA GEOMETRIZAÇÃO DO ESPAÇO: APONTAMENTOS ENTRE O REDONDO E AS RETAS

“Por esta inocente falta de originalidade me atire a primeira pedra quem nunca cometeu outras maiores”

Manual de Pintura e Caligrafia
José Saramago

Cláudio Benito Ferraz¹

Resumo: Este artigo tem o objetivo de introduzir a discussão dos limites do discurso científico da geografia, indicando que a elaboração da linguagem geográfica não pode ser reduzida aos determinantes meramente conceituais, tendo por base uma idéia de verdade absoluta que só a razão científica é capaz de atingir, mas que o entendimento das condições concretas do espaço geográfico da vida pode ser passível de entendimento científico, desde que este objetive a vida das pessoas. Neste ponto o diálogo com outras esferas do saber humano, como no caso a arte, pode contribuir para ampliar os conceitos, indo além da relação matemática destes.

Palavras-Chaves: Ensino; Geografia; Geometria; Cotidiano; Ciência; Arte.

Abstract: This article has the objective of introducing the discussion of the limits of the scientific speech of the geography, indicating that the elaboration of the geographical language cannot be merely reduced to the determinant conceptual, tends for base an idea of absolute truth that only the scientific reason is capable to reach, but that the understanding

¹ Professor do Departamento de Educação da FCT/UNESP de Presidente Prudente e responsável pela disciplina Prática de Ensino em Geografia. Endereço para correspondência: Caixa Postal 467. CEP: 19060-900.

of the concrete conditions of the geographical space of the life can be susceptible to scientific understanding, since this aims at the people's life. In this point the dialogue with other spheres of the human knowledge, as in the case the art, it can contribute to enlarge the concepts, going besides the mathematical relationship of these

Key-words: Teaching; Geography; Geometry; Quotidian; Science; Art.

THE GEOGRAPHY TEACHING FOR BESINES THE GEOMETRIZAÇÃO OF THE SPACE: NOTES BETWEEN THE CIRCULAR AND THE STRAIGHT LINE

1. Introdução

Usando da metáfora de Michel Maffesoli, podemos dizer que: praticar o ensino é se preparar constantemente para “*ouvir a relva crescer*”, ou seja, é não se reduzir ao óbvio das análises e respostas generalizantes que, a priori, a chamada verdade única da “ciência” apresenta, mas procurar estar atento para os detalhes e murmúrios dos elementos que aparentemente não possuem um determinado padrão lógico, preconcebido como único; elementos estes que surgem e cobram respostas e posturas que geralmente não cabem no interior dos modelos formalmente apresentados pelo discurso que se diz científico. O professor deve sentir e refletir sobre estas questões, fenômenos e elementos que compõem a vida cotidiana, observando o potencial subversivo dos mesmos, estabelecendo críticas, teorizando e dando certa lógica e objetividade para a complexa fragmentação e caoticidade destes, de forma que a análise científica deixe de ser a grande verdade que se impõe ao real, mas que permita que esse real seja lido em sua diversidade e em sua unidade no próprio processo de construção e vivência.

Desta maneira, ciência, arte, religião, misticismo, senso comum, silêncio, loucura e demais níveis e esferas do conhecimento se interagem para produzir entendimento do mundo. O professor, como no caso o de geografia, tem que estar preparado e continuamente se preparando para saber lidar e ler essa diversidade que é o mundo dos homens, para dar sentido lógico para o viver, o que é diferente de dizer

o que é essa diversidade em cada um de seus componentes para depois pedir a reprodução desta conceituação em si.

Ensinar geografia não é ficar reduzido aos conceitos genéricos com que oficialmente se entende a geografia, fazendo com que os alunos reproduzam a estes de forma simplificada e mastigada, mas também não é ficar restrito aos elementos que nossa experiência capta a partir do empirismo imediato, retirando destes apenas outros conceitos fragmentários que os alunos devem reproduzir da mesma forma com que reproduzia aos dos livros didáticos. Ensinar geografia é ter a preocupação com a elaboração de uma linguagem que instrumentalize o aluno ler a diversidade que é o mundo, estabelecendo sentido, produzindo reflexões e teorias, pensamentos críticos, definições alternativas e subversivas, de forma a intervir e agir no mundo a partir do lugar em que se localize; mas um lugar contextualizado pela diferencialidade de escalas, pelo arranjo político dos determinantes econômicos, pelo que a paisagem se apresenta de visível e de oculto.

Para tanto, partir da paisagem imediata e cotidiana é crucial, mas não se pode ficar reduzido a esta, pelo contrário, deve-se produzir formas de entendimento para que essa paisagem se explique pela lógica sócio-espacial que determina as condições com que o imediato se consubstancia.

Mas isso tende a incorrer num mero jogo de palavras com belas intenções; para que essa crítica não se reduza ao discurso em si, o professor deve ter a preocupação constante de elaborar teorias a partir de elementos que compõem a linguagem geográfica. Essa linguagem é estruturada a partir de práticas rotineiras, vivenciadas pelas pessoas em suas individualidades, pelas relações espaciais que se estabelecem no processo de produção das condições de sobrevivência humana, e é também fruto de elaboração de conceitos a partir dessas experiências, permitindo que estas tenham um entendimento lógico, passível de crítica e recriação.

Por esse aspecto, podemos tomar uma leitura geográfica da paisagem pelo viés do entendimento geométrico da mesma, ou seja, quando um geógrafo observa um lugar, vê a paisagem do mesmo, a partir disso deve elaborar elementos que o permitam descrever as características, relatando e representando a estas de forma que seja passível de entendimento e leitura por terceiros. Por meio de mapas, cartas e fotos, pode apresentar a localização, distribuição e as características mais superficiais das formas com que os elementos de

determinada paisagem se apresentam, contudo, um estudo geográfico não pode se reduzir apenas a esta descrição paisagística deve sim procurar entender a lógica espacial que permitiu com que esta paisagem assim se estruturasse em determinado lugar. Portanto, deve trabalhar com uma série de conceitos e dados que viabilize o entendimento desta lógica para que, tanto os que aí vivem, quanto aqueles que moram em outros lugares, compreendam o porquê desta configuração territorial, como analisá-la de forma crítica e de como intervir ou não na mesma. Nesse sentido que os conceitos que fundamentam a linguagem geográfica devem ser ampliados e enriquecidos.

Tendencialmente nossos conceitos como paisagem, concentração fundiária, acumulação, localização, territorialização, distribuição, circulação etc., optam por uma definição que caminha na direção dos conceitos que as ciências matemáticas e físicas definiram, ou seja, não podem ter em seu interior a possibilidade de contradição e diversidade enquanto forma de entendimento e análise teórica, por exemplo, o conceito de contradição não pode se contradizer, pois deve expressar um sentido único e preciso do que vem a ser contradição.

Perante essa unidirecionalidade do conceito, que ajuda em certa objetividade do conhecimento, corre-se o risco de enrijecimento da idéia, dogmatizando-a, não caminhando em acordo com o movimento do real, mas tendendo a se impor sobre o real, visando negar as próprias transformações do mesmo. Frente a isso é que os conceitos usados no discurso geográfico precisam ser redimensionados, precisam trocar experiências com a vida e com outras instâncias do saber humano, de maneira que os mesmos fiquem mais abertos para as possibilidades de movimento, escapando ao rigor lógico com que os conceitos tendem a enquadrar o real em nome da dita "verdade da razão".

2. O espaço geográfico vai além da geometrização do mesmo

Frente a isso é que pretendemos trabalhar esse artigo usando de dois exemplos de como o olhar geográfico pode ampliar seu enfoque via contato com determinados conceitos presentes na análise artística do real, como maneira de redimensionar a linguagem geográfica.

Voltando ao olhar geográfico sobre a paisagem e a elaboração de conceitos que permitem melhor instrumentalizar o entendimento lógico do por quê dada paisagem assim se apresentar, vemos que os conceitos usados no discurso geográfico tendem a ter como modelos de

referência os elaborados pela matemática e a física. Quando olhamos uma paisagem, para melhor enquadrá-la em parâmetros lógicos que permitam uma reprodução mais exata da mesma, seja em figuras, dados estatísticos ou palavras, nosso padrão intelectual tende a optar por números ou formas geométricas que fundamentam a lógica do nosso discurso. Assim, dados estatísticos apresentam a precisão dos elementos econômicos, populacionais e de tendência de determinado fator, enquanto o nosso olhar detecta a localização, distribuição, distância, contornos, volumes e formas dos fenômenos, que compõem a paisagem observada, parametrizando-se em elementos geométricos como melhor forma de construir modelos de representação e de entendimento das imagens.

Esse olhar, para efeito de facilidade e precisão do que se olha, trabalha com a geometrização da paisagem, ou seja, figuras geométricas que conceituam a diversidade das formas e fenômenos vistos segundo os parâmetros de linhas, pontos, retas, círculos etc.

Nesse sentido a linguagem geográfica, que visa contribuir para um melhor entendimento e leitura do mundo, deve ser ampliada, pois a estrutura lógica com que se fundamenta é fruto de um padrão matemático em que A só pode ser igual a A, A não é B nem C etc.; o contrário de A só pode ser Não A, não pode ser B ou C etc., pois o contrário destes é a negação imediatamente lógica (Não B, Não C, etc.) e não qualquer outro símbolo, pois se admitirmos que o contrário de A pode ser B ou C, relativiza-se as diferenças e semelhanças, podendo apontar que o contrário de Não A pode ser tanto o A como o B ou C etc.. o que torna A, B, C etc passíveis de relação de igualdade.

Essa relativização em que A pode ser B, C etc., é um perigo lógico para os padrões de verdade em sua fundamentação matemática, e é esse medo da relativização matemática, da possibilidade de contradição lógica, que embasa a lógica dos discursos científicos, como no caso o da geografia, que tendem a ler a diversidade e dinâmica do real no interior dos parâmetros rígidos da lógica do discurso. Como a coerência lógica diz que o contrário de A não pode ser B, os fenômenos presentes da concretude de nossas vidas não podem furar essa coerência discursiva, isso por mais que vivenciamos constantes contradições a essa precisão lógica².

² Caso o mundo funcionasse em acordo com o nosso rigor lógico-discursivo, provavelmente o mundo já teria acabado com os males que o afeta, todos seríamos seres de pura bondade, numa sociedade perfeita em que tudo funcionaria em

Criticar essa dogmatização do poder do discurso científico em deter a verdade dos fatos, só porque atende a uma coerência lógica, torna-se uma necessidade para um saber que visa contribuir com o enriquecimento do olhar humano sobre o mundo, daí que, no caso da geografia, termos que resgatar outros enfoques desenvolvidos para a mesma tendência de se matematizar a leitura e entendimento do espaço em que os indivíduos em sociedade estabelecem suas existências.

Partindo aqui das preocupações de Douglas Santos, podemos identificar que essa tendência pela geometrização do espaço é uma necessidade da leitura geográfica, como podemos constatar nos mapas, instrumentos essenciais para as análises e estudos geográficos, mas essa geometrização espacial não é o espaço geográfico em seu todo, é apenas uma forma de entendê-lo, o geógrafo deve ir além desta forma de representação.

É nesse contexto que podemos afirmar que o ensino de Geografia se confunde com qualquer outro processo de alfabetização (...). A aprendizagem de cartografia (enquanto sistematização geométrica dos fenômenos) pode ser um dos pontos de partida para tal 'alfabetização' mas, sem dúvida, não podemos confundir Geografia com Geometria, já que a matematização dos fenômenos não é suficiente para construção de respostas³.

A matematização geométrica é um instrumental de auxílio para se ter acesso a uma dada forma de entendimento do mundo, seja subsidiando as representações cartográficas, seja instrumentalizando nosso olhar para figuras padrões que nos permite melhor enquadrar a diversidade das formas e fenômenos presentes no mundo, contudo, essa geometrização não é a reprodução exata do mundo, é apenas um modelo de representação e de observação do mesmo. Para não ficarmos escravos desse olhar geometrante, precisamos, no caso da geografia, redimensionar os conceitos com que entendemos essas figuras

acordo à satisfação de todas as necessidades humanas, contudo, como o homem, cada indivíduo da espécie não é uma coerência lógica, mas, pelo contrário, um poço de contradições, está na hora de assumir que a vida é que deve ser entendida em sua dinâmica e não enquadrada em determinados padrões lógicos.

³ Santos, 1995, p. 58.

geométricas, de maneira que estas fiquem mais ricas, diversas e dinâmicas, mais próximas do real, o que muito contribuirá para a leitura geográfica.

Visando melhor exemplificar ao que estamos apontando, iremos usar de duas figuras geométricas básicas, tanto de leitura quanto de representação do real, que usualmente empregamos como referencial de identificação de formas espaciais, ou seja, o "círculo" e as "retas", buscando em diversas fontes artísticas formas de dinamizar o entendimento conceitual das mesmas.

2.1. Para além do círculo em si

Gaston Bachelard, por exemplo, ao discutir a "fenomenologia do redondo", aponta como o redondo está presente em nossa vida cotidiana, em como o usamos em expressões, o experimentamos nos detalhes da vida, mas não nos damos conta dele de forma mais rica, o que o torna uma figura distante, mera geometria que o coloca como mero círculo, como elemento exclusivo do saber geométrico que o consegue definir de maneira precisa, sendo que nós entramos em contato mais teórico com o mesmo apenas nas aulas de matemática e de desenho; com ajuda do compasso, de cálculos sobre o raio e o diâmetro é que conseguimos conceituar a este, e só a partir disso é que aplicamos esse entendimento em nossa vida empírica imediata.

Contudo, ao falarmos do redondo vem em nossa mente, a partir dessas experiências travadas na escola e no fragmentário imediato da vida, a figura geométrica de um círculo e, assim, tomamos um elemento espacial por uma configuração geométrica, ou seja, reduzimos toda a diversidade de experimentações, leitura e criação das formas espaciais, ou desta forma em particular, reduzindo-a a apenas um modelo geométrico do mesmo. Bachelard critica exatamente essa redução do entendimento do redondo quando "*entregamos tão ingenuamente ao geômetra, a esse pensador do exterior*", que diz qual é a verdade sobre o mesmo, eclipsando as outras formas de elaboração desta expressão espacial. Para ir além dessa redução, o autor usa de diferentes descrições e definições do redondo, geralmente tomando de cartas e escritos literários, como forma de ampliar o sentido deste.

Van Gogh: "Provavelmente, a vida é redonda"

Michelet: "O pássaro, quase totalmente esférico, é por certo o ápice, sublime e divino, da concentração de vida"

Rilke: "Esse grito redondo de pássaro. Repousa no instante que o engendra (...). Toda a paisagem parece repousar aí" (Bachelard, 1993, p: 235-241).

A partir destas citações tiradas de cartas pessoais, textos poéticos e literários, percebemos que o elemento espacial possui sentidos mais amplos e profundos do que o estipulado a princípio pela geometria, que servia de parâmetro para fundamentar o rigor e precisão dos conceitos geográficos, que aplicava o mesmo para o olhar a paisagem e, posteriormente, descrevê-la e representá-la.

A partir das várias formas de se entender e experimentar o redondo, como apontado nas citações, identificamos leituras diversas de harmonia e de beleza de vida em sua plenitude, o que vai além da simples matematização de uma figura espacial, passando a ser lida e entendida em seus aspectos metafóricos, alegóricos, estéticos e existencial.

A explicitação dos fenômenos em geografia, portanto, deve fundamentar um ensino que parta do que se observa, que permita a localização, a descrição em suas formas superficiais, usando dos referenciais matemáticos, contudo, vai além disso, pois a espacialização dos fenômenos é na verdade a materialização da vida humana em sua diversidade, daí que o olhar geográfico deve ir além de uma lógica formal e reducionista em si, mas deve ser dialetizado, cotidianizado de forma crítica, ampliado pelo diálogo com outras esferas do saber, fazendo com que o ensino de geografia não seja uma reprodução de conceitos, mas que seja a recriação dos mesmos pelo sentido da vida que se busca melhor entender.

2.2. Retas são mais que linhas entre dois pontos

Outro exemplo do que estamos aqui colocando, podemos tirar do famoso pintor holandês da primeira metade do século XX, Piet Mondrian, que visou redimensionar os padrões lógicos da ciência moderna, em sua fundamentação matemática, via o recriar artístico de figuras geométricas, como no caso das retas presentes em seus quadros.

Conforme sua evolução artística, em conformidade com o ambiente cultural que freqüentava nas primeiras décadas do século e, principalmente, com a trágica experiência da Primeira Grande Guerra, conjuntamente ao caos político que reinava na Europa, Mondrian procurou uma solução para suas angústias via a pureza de linhas e planos retilíneos, na geometricidade clara e precisa das formas espaciais, ali encontrando o necessário rigor moral e essência espiritual da proporção perfeita dos elementos espaciais, do equilíbrio e controle que a vida precisava e que a ciência tinha condições de apresentar, mas não conseguia consolidar.

Ciente deste potencial espiritual da ciência, mas tendo claro que este não se realizava pelos usos e deturpações que a ganância humana fez deste saber, Mondrian percebe que este potencial científico só seria realizado se houvesse um esforço de interação com os elementos estéticos e de sensibilidade artística, visando uma maior riqueza de expressão e de leitura do papel da ciência por meio da arte.

A partir disso começa a pintar quadros que se compõem de linhas que definem figuras geométricas limpas, cujos conteúdos, ou limites, são elaborados com cores básicas, passando o sentido de simplicidade da vida a partir de controle, equilíbrio e perfeição, aquilo que a ciência tem para melhor ensinar ao mundo e que a arte consegue passar de forma subjetiva e profunda.

“O aperfeiçoamento da ciência é uma das principais vias do processo humano, que lhe permite alcançar um estado de maior equilíbrio” (Mondrian, 1997:4). Vemos assim, que Mondrian entende o papel da ciência não como uma mera técnica, fria e ligada aos interesses de poucos privilegiados, mas como um elemento do saber em seu caráter mais humano, espiritual; no entanto, para realizar essa tarefa a ciência deve buscar nas artes formas mais próximas de se relacionar com o íntimo dos homens, estabelecendo uma relação entre a subjetividade e a objetividade, ambas entendidas como esferas necessárias para o crescimento humano, mas um crescimento não só intelectual ou técnico, político e econômico, mas um crescimento integral e equilibrado.

Contudo, o sentido de Mondrian para o uso geométrico em elaborações artísticas não acaba por aí. Com o aproximar da Segunda Grande Guerra, percebe que a situação na Europa vai se tornando insustentável. A perseguição a minorias, o uso cada vez mais frio e cruel da ciência em prol dos interesses políticos e econômicos, paralelamente

ao aumento do preconceito e da ignorância, leva-o a ir para a América em 1940, buscando radicalizar e, ao mesmo tempo, criticar o que até então fazia.

Reflete sobre os benefícios e perigos do uso dogmático das verdades científicas e percebe que o rigor matemático pode passar a noção falsa de harmonia, pois pode servir à lógica do controle dos homens pela burocracia estatal e dos órgãos de planejamento e do poder. Seus quadros passam a refletir esses questionamentos. Não deixam de ser uma abstração sobre a natureza do real, mas subverte e amplia o sentido de suas representações lógicas. Mondrian vai ampliando o sentido do uso matemático em suas linhas e retas.

Percebendo que a vida não pode ser encarada apenas em sua perfeita ordenação, mas que se compõem de forças aleatórias, de elementos que fogem da lógica e dos desejos mais corretos e objetivos, como eram os dele: percebe que seus quadros devem expressar algo além do necessário equilíbrio e rigor científico, devem expressar a dinâmica e o movimento que é esta vida.

Continua usando de retas e figuras geométricas, mas agora, com o fim da guerra na Europa, suas figuras não são puro equilíbrio, estão mais soltas nos quadros, como que querendo dançar e festejar a possibilidade de liberdade e alegria de se viver, mas viver dentro dos eternos limites que a tela e as formas geométricas demarcam. Os mesmos elementos agora expressam a dinâmica e o movimento, além das contradições e atritos em que o equilíbrio buscado pela ciência se choca com os desejos humanos de ir além dos limites sociais que se impõem aos indivíduos. Mondrian entende que viver é essa constante busca de equilíbrio em meio ao desequilíbrio, dessa busca de liberdade em meio aos limites que a sociedade impõe.

Mondrian usou de suas mesmas retas para dar outro sentido a elas, recriando o até então impossível, fazer outras leituras e empregos de retas, linhas e planos. O que Mondrian fez com sua leitura do mundo foi uma verdadeira transformação da água em vinho, estabelecendo outros sentidos para o discurso e conceitos científicos, abrindo-os para a diversidade da vida, aproximando-se desta, fundamentando-se nesta e não mais apenas dizendo como esta deve ser em nome da precisão e rigor conceitual.

Esse exemplo das retas em Mondrian vem reforçar o que trabalhamos quanto ao redondo, de forma a expressar o sentido que devemos dar à ciência e, no nosso caso mais específico, ao ensino de

geografia, que não deve eliminar o emprego dos elementos lógicos da geometria espacial, mas deve recriar conceitualmente aos mesmos para que melhor expressem a real dinâmica do espaço geográfico entendido enquanto vida cotidiana.

Como as retas e círculos são muitos mais que figuras geométricas, quando entendidos no contexto da vida que se materializa e se expressa cotidianamente, o ensinar geografia por meio de uma linguagem que busque entender esta vida em sua dinâmica e complexidade precisa ter claro que os conceitos que fundamentam seu olhar/pensar o mundo não podem se reduzir aos elementos de uma geometria em si, nem aos conceitos rigorosos e enrijecidos do discurso de caráter científico que se impõem ao real, mas subverter esse processo, buscando o inesperado, a interação entre os contrários, a construção e a crítica de um espaço e de um tempo que não estejam pré-dados, mas em constante processo de recriação.

3. Palavras finais

Após esses dois exemplos podemos afirmar que trabalhar o saber geográfico é um desafio que permeia a busca do entendimento lógico e objetivo do real, em sua espacialização social, com as formas subjetivas de leitura e de recriação de sentidos e de práticas; mas para melhor contribuir para esse entendimento não pode se ater a necessidade de atender prioritariamente a coerência lógica do discurso científico, notadamente em sua fundamentação matemática de coerência e de não contradição.

Para melhor se aproximar da dinâmica própria do real, o olhar geográfico não pode negar aos processos e elementos que dão caráter subjetivo a esta espacialização, indo além e estando aquém dos amplos conceitos científicos, nesse aspecto é que a troca de diálogo com a produção artística pode contribuir para ampliação dos sentidos com que tendemos a reduzir nossa leitura dos aspectos que compõem dada paisagem. Como no caso do redondo, que amplia o sentido geométrico de círculo, ou das retas em Modrian que espiritualizam as formas de se elaborar a geometria e a busca pelo equilíbrio dos planos espaciais, uma geografia que se abra para a leitura dos aspectos cotidianos da vida em sua recriação lógica, pode muito contribuir não só para o melhor entendimento das condições concretas em que a vida se dá, como

também pode melhor auxiliar para que esse entendimento retorne aos sujeitos que concretamente produzem suas existências.

O conhecimento geográfico, portanto, não pode ficar restrito ao rigor e objetividade do discurso, mas deve se embrenhar no desafio dos aspectos subjetivos, aleatórios, nos fragmentos e relativização dos fatos e fenômenos que estruturam a existência concreta dos homens, dos indivíduos em sociedade.

Assim como o contrário de amor não necessariamente é a ausência de amor (o Não-amor), mas pode ser o ódio, a raiva, a inveja, o ciúme, a indiferença etc.; ou o contrário do gênero masculino não necessariamente é o feminino, mas pode ser as diversas formas de homossexualismo, ou o próprio gênero em si, ou a própria ausência de diferença. Desta forma, a busca do melhor entendimento do mundo será sempre uma relação entre as possibilidades de elaboração de certa objetividade e de coerência lógica, mas também de compreensão dos aspectos que rompem com essa coerência e precisão objetiva, o que propicia ao saber estar em constante evolução e ampliação. É sempre o estabelecimento de um fato, ou norma, e a subversão disso, como o contrário de uma coisa poder ser muitas outras coisas, não necessariamente a negação lógica da coisa em si.

O espaço geográfico é a possibilidade de produção de determinado padrão lógico, de certa geometrização que capacita este ser lido e mensurado em sua fisicidade, no entanto, o tempero geográfico se dá quando carregamos esta fisicidade espacial de elementos subjetivos humanos, transformando esta fisicidade em geograficidade. Nesse ponto é que o rigor discursivo da "ciência geográfica" encontra seus limites lógicos e paradigmáticos usuais, precisando buscar em outras elaborações do saber humano, na riqueza que a subjetividade presente no olhar artístico, ou na experiência mística, ou nas práticas cotidianas que acabaram elaborando outros sentidos e usos para dada fisicidade espacial.

Ao assumir esse desafio é que o saber geográfico estará dando um grande passo para ser um conhecimento pertinente com a geograficidade da vida.

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. **Poética do Espaço**. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- MONDRIAN, Piet. **Piet Mondrian**. São Paulo: Globo, 1997.
- SANTOS, Douglas. Conteúdo e Objetivo Pedagógico no Ensino de Geografia; In: *Caderno Prudentino de Geografia*, n. 17. Presidente Prudente: AGB, 1995.